

CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO DE ESTRATÉGIAS AUTORREGULATÓRIAS DE LEITURA E ESCRITA

CONSIDERATIONS ON AN INVESTIGATION OF SELF-REGULATORY READING AND WRITING STRATEGIES

Jady Ariéle Cavalcanti Ruas¹

Eliete Aparecida de Godoy²

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO: O presente artigo é oriundo de uma pesquisa educacional que foi desenvolvida na modalidade de monografia. Tem-se como base teórica os constructos da autorregulação da aprendizagem, trata-se de uma teoria pouco difundida no Brasil. O processo de autorregulação envolve a utilização de estratégias de estudo, as quais devem ser ensinadas intencionalmente aos alunos, para que a partir do ensino e apreensão de tais estratégias eles possam regular o uso delas. Estabeleceu-se como objetivo geral: Verificar como os alunos de um 5º ano do Ensino Fundamental utilizam estratégias de autorregulação da aprendizagem na leitura e escrita e o que entendem por estratégias de aprendizagem. Utilizou-se a metodologia de pesquisa de campo com análise qualitativa por meio da análise de conteúdo, a pesquisa educacional foi realizada em uma escola da rede municipal de Campinas-SP. Foi possível inferir que as estratégias ensinadas pela professora surtiram mais resultados e positivos, os alunos também apresentaram estratégias não eficazes. Ressalta-se a importância da apreensão e ensino da autorregulação da aprendizagem.

Palavras-Chave: Autorregulação; Estratégias de Estudo; Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT: The present article comes from an educational research that was developed in the modality of monograph. It is based on theoretical constructs of self-regulation of learning, which is not a widespread theory in Brazil. The process of self-regulation involves the use of study strategies, which must be taught intentionally to the students, so that from the teaching and apprehension of such strategies they can regulate their use. It was established as a general objective: To verify how the students of a fifth year of Elementary School use strategies of self-regulation of learning in reading and writing and what they mean by learning strategies. We used the field research methodology with qualitative data analysis through the content analysis, the educational research was carried out in a school of the municipal network of Campinas-SP. It was possible to infer that the strategies taught by the teacher had more positive results, the students also presented strategies that were not effective. The importance of apprehension and teaching self-regulation of learning is emphasized.

Keywords: Self-regulation; Study Strategies; Teaching and Learning.

1 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da PUC de Campinas, bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa Formação e Trabalho Docente, vinculado à Linha de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Pedagógicas. Graduada no curso superior de Pedagogia pela PUC de Campinas.

2 Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996). Experiência na Gestão da Educação Básica, como docente universitária em graduação e pós graduação na área da Educação e em Gestão Pública.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos tempos muito se tem discutido sobre a qualidade do ensino e a efetividade das aprendizagens. Em sala de aula são inúmeros os desafios do professor, uma vez que os alunos não se sentem mais atraídos pelo modelo tradicional de estudo, no qual o professor é o detentor de todo conhecimento e o aluno é um mero receptor das informações. Os alunos não são mais os mesmos, o acesso às tecnologias e as informações que circulam de maneira muito rápida inserem os alunos em outro contexto educacional, no qual não é todo conhecimento que vem da escola e não é toda informação, um conhecimento de fato.

Conscientizar o aluno sobre importância de tornar-se ativo em seu processo de aprendizagem em busca de consolidar conhecimentos é um desafio, mas não é impossível. A presente pesquisa educacional insere-se nesse contexto com intuito de contribuir para as investigações que visam a autonomia do aluno em seu processo de aprendizagem e busca caminhos para aprendizagens sólidas aos alunos, pautando-se na teoria da autorregulação da aprendizagem.

Faz-se um recorte de um dos eixos da Teoria Social Cognitiva (TSC), centrando-se na teoria da autorregulação da aprendizagem e nas estratégias autorreguladoras da aprendizagem, a fim de investigar a seguinte problemática: Qual entendimento os alunos têm de estratégias de aprendizagem e quais as estratégias de autorregulação de leitura e escrita são utilizadas por alunos de 5º ano do Ensino Fundamental?

Para responder ao problema, estabeleceu-se como objetivo geral: Verificar como os alunos de um 5º ano do Ensino Fundamental utilizam estratégias de autorregulação da aprendizagem na leitura e escrita e o que entendem por estratégias de aprendizagem. Tem-se como objetivos específicos: (a) descrever os fundamentos e concepções da autorregulação no processo de ensino e aprendizagem; e (b) fazer ponte entre a utilização e o entendimento dos alunos sobre as estratégias de aprendizagem e a teoria da aprendizagem autorregulada, destacando a importância e a eficácia dela para qualidade da aprendizagem.

Entende-se que com as novas tecnologias e os velhos problemas de sala de aula como a falta de estrutura, salas lotadas, alunos desinteressados e professores desmotivados, é necessário pensar em novas alternativas de ensino e aprendizagem, principalmente em teorias educacionais que estimulem o interesse dos alunos e a efetivação das aprendizagens. Não basta informar, é necessário que o aluno se sinta pertencente ao seu processo de aprendizagem e encontre sentido e significado no que estuda.

Ensino e aprendizagem na perspectiva da autorregulação

A Teoria Social Cognitiva (TSC) foi criada por Albert Bandura. O autor é psicólogo e seus constructos estão ligados à área, porém são de grande importância para a educação, pois trata-se de uma teoria que além de estudar o desenvolvimento da autoeficácia, volta-se ao “conhecimento sobre o aprendiz, sobre a natureza do processo de aprendizagem e sobre as condições favorecedoras da instrução bem-sucedida” (AZZI, 2014, p.21). No campo educacional Barry Zimmerman e Dale Schunk são os estudiosos mais expressivos da TSC. Zimmerman concentra seus estudos na autorregulação da aprendizagem, enquanto Schunk dedica-se a compreensão do conceito de autoeficácia.

Pedro Rosário é um dos autores que trabalham na perspectiva da autorregulação, ele a define como “um processo activo no qual os sujeitos estabelecem os objectivos que norteiam a sua aprendizagem tentando monitorizar, regular e controlar as suas cognições, motivação e comportamentos com o intuito de os alcançar” (ROSÁRIO, 2004, p.37). A grande questão da autorregulação que permeia o processo de construção da aprendizagem é como os professores podem fornecer elementos que ajudem os alunos a tornarem-se autorreguladores de suas aprendizagens.

Silva e Sá (1993, p.9), destacam que “muitas das dificuldades de aprendizagem são explicadas actualmente, pela ausência ou uso inapropriado de estratégias de estudo e pela não existência de hábitos favoráveis à aprendizagem”, o que leva as crianças a um fraco rendimento escolar e a uma atitude negativa diante dos estudos.

Rosário e Polydoro (2014, p.20) acentuam uma questão muito importante com relação aos alunos que autorregulam sua aprendizagem, pois estes são “proativos nos seus esforços para aprender porque são conscientes das suas forças e limitações, e também porque o seu comportamento de estudo é guiado por objetivos autoestabelecidos e por estratégias que o ajudam a alcançá-los”.

Com a investigação buscou-se compreender o entendimento das crianças sobre as estratégias de ensino, em busca de ampliar os estudos sobre as estratégias de autorregulação, afinal, como ressalta Zimmerman (1989), “as estratégias de autorregulação da aprendizagem são ações que envolvem atividade, propósito e percepções de instrumentalidade por parte dos alunos” (apud ROSÁRIO; POLYDORO, 2014, p.21), ou seja, para que haja transformação é necessária a conscientização do aluno com relação ao seu papel como sujeito ativo de sua aprendizagem e essa conscientização é feita por um mediador.

A TSC compreende-se que os processos de ensino e aprendizagens são bilaterais e indissociáveis. Entende-se o papel do aluno como o sujeito ativo, consciente e responsável por seu processo de aprendizagem. O professor é responsável pelo ensino dos conhecimentos historicamente acumulados aos alunos, ele é o mediador entre os alunos e o conhecimento, seu papel é organizar o ambiente e materiais escolares para criar condições favoráveis de aprendizagens aos alunos.

É importante a clareza da concepção de ensino e aprendizagem, considerando que há outras formas de compreensão dessa relação. O presente estudo consiste em investigar um dos processos de aprendizagem, especificamente sobre o uso das estratégias de estudos de escrita e leitura, estabelecendo diálogo com os alunos e compreendendo suas percepções de estudo. Apesar da importância da teoria e do reconhecimento internacional, a TSC ainda é pouco difundida no Brasil.

A TSC “adota uma perspectiva da agência para o autodesenvolvimento, a adaptação e a mudança” (BANDURA, 2008, p.15), ou seja, o sujeito reconhece-se como agente influenciador do próprio funcionamento e das circunstâncias de vida agindo de modo intencional. Na perspectiva da TSC as pessoas são capazes de auto-refletir, autorregular-se, são proativas e auto-organizadas, isso faz com que os sujeitos contribuam para as circunstâncias da vida e não sejam apenas produtos dessas condições.

O sujeito que se torna agente de sua vida não é um mero planejador de suas ações, mas é também autorregulador, pois adota “padrões pessoais, monitorando e regulando seus atos por meio de influências auto-reativas” (BANDURA, 2008, p.15). Autorregular-se não é uma atividade fácil, exige uma tomada de consciência

sobre esse processo, um autoconhecimento, e autorreflexão. É uma atividade humana que é construída e desenvolvida gradativamente. A autorregulação são mecanismos “pelos quais as pessoas exercem controle sobre a motivação, pensamento, comportamento e vida emocional” (BANDURA, 2005 apud POLYDORO; AZZI, 2008, p.149), a capacidade de autorregular-se é a uma das características centrais da agência humana na TSC.

A presente pesquisa centra-se na teoria da autorregulação voltada para o campo educacional, Barry Zimmerman é o principal teórico sobre a teoria da autorregulação da aprendizagem. Trabalhou-se especificamente com as estratégias de aprendizagem. Zimmerman (apud ROSÁRIO; POLYDORO, 2014) pautando-se na TSC criada por Bandura, especificamente na Teoria da Autorregulação, desenvolveu seus estudos voltados para o campo educacional, criando um modelo cíclico de aprendizagem autorregulada, pelo qual os sujeitos desenvolvem suas ações em um processo de autorregulação. O modelo cíclico de aprendizagem autorregulada configura-se por fases de autorregulação da aprendizagem, que não ocorrem de maneira sistemática. Cada uma, das três fases do modelo cíclico: *fase prévia*, *fase do controle volitivo* e *fase da autorreflexão*, carregam um compilado de estratégias de autorregulação da aprendizagem.

Utilizar adequadamente estratégias de estudo é um dos processos que levam os alunos a tornarem-se autorreguladores de suas aprendizagens. Rosário (2004) define autorregulação como “um processo ativo no qual os sujeitos estabelecem os objetivos que norteiam a sua aprendizagem, tentando monitorar, regular e controlar as suas cognições, motivação e comportamentos com o intuito de os alcançar” (p.37). Rosário (2007) faz a sistematização e organização das estratégias desenvolvidas por Zimmerman, dentro do modelo cíclico de aprendizagem autorregulada *PLEA – Planear, Avaliar e Executar*.

Além das estratégias de aprendizagem autorregulada encontramos em Figueiredo (2008) – que pauta-se nos constructos de Zimmerman – seis áreas específicas de competências denominadas de competências motivacionais, competências metodológicas, competências de planificação e gestão do tempo, competências volitivas, competências de regulação do ambiente físico e competências de regulação do ambiente social. Nas competências metodológicas, Figueiredo (2008) faz uma seleção de estratégias específicas de leitura e escrita, o que nos possibilitou fazer a sistematização da investigação do uso de estratégias pelos alunos.

As competências motivacionais, competências volitivas e competências de regulação do ambiente social também apresentam estratégias específicas de ações desenvolvidas pelos alunos, que serão de grande relevância para a investigação.

Adelina Lopes da Silva e Isabel Sá (1993) são autoras que se embasaram nos pressupostos da TSC, elas descrevem todo processo de aquisição e uso eficaz de estratégias de estudos. A obra das autoras nos auxilia na compreensão do que são as estratégias e sua utilidade, bem como fazer uma organização do nível de autorregulação de acordo com a utilização das estratégias pelos alunos participantes desse estudo.

MODELO CÍCLICO DE APRENDIZAGEM AUTORREGULADA

Zimmerman (2000 apud ROSÁRIO; POLYDORO, 2014) ao dedicar-se à autorregulação da aprendizagem, desenvolveu a estrutura dos processos autorregulatórios dividida em três fases cíclicas: fase prévia, fase do controle volitivo e fase da autorreflexão, que podem ocorrer de forma simultânea. Rosário e Polydoro (2014) explicam que os processos de autorregulação elaborados por Zimmerman são

[...] intrinsecamente cíclicos e interdependentes, de tal forma que a fase prévia prepara a de controle volitivo que, por sua vez, afeta os processos utilizados na de autorreflexão. Esses processos de reflexão influenciam as fases prévias subsequentes, preparando os alunos para as etapas seguintes do processo de aprendizagem (ROSÁRIO; POLYDORO, 2014, p.34).

Para melhor compreensão do modelo cíclico de aprendizagem autorregulada elaborado por Zimmerman, será exposta uma breve definição de cada fase. A fase prévia está ligada aos processos e crenças que influenciam nos esforços para aprender, marcando o ritmo e o nível das aprendizagens dos alunos, há crianças que acreditam não serem capazes de realizar determinadas tarefas e isso pode influenciar em seus esforços para que inicie e finalize a atividade proposta. O controle volitivo está relacionado aos processos que ocorrem durante os esforços de aprendizagem, ou seja, comportamento, pensamento e motivação para alcançar os objetivos, o que afeta a concentração e o rendimento escolar. E a fase de autorreflexão que ocorre posteriormente aos esforços para aprender, sendo a reação do aluno após a experiência. A fase da autorreflexão influencia nas duas outras fases mencionadas, completando uma etapa, dando continuidade ao ciclo de autorregulação. Cada uma dessas fases incorpora atitudes, ações, competências e estratégias mais ou menos complexas que se inter-relacionam.

O modelo cíclico de aprendizagem autorregulada elaborado por Zimmerman – Fase Prévia, Fase de Controle Volitivo e Fase de Autorreflexão, serviu de base para o modelo cíclico de aprendizagem autorregulada PLEA: Planejamento, Execução e Avaliação construído por Rosário (2007). O modelo PLEA de aprendizagem autorregulada constitui-se em três fases cíclicas, o planejamento, execução e a avaliação, sendo que, em cada uma das fases o mesmo movimento cíclico ocorre por completo. No intuito de reforçar a lógica autorregulatória, Rosário e Polydoro (2014) enfatizam que

[...] a lógica inerente ao processo de autorregulação da aprendizagem requer que cada tarefa, atividade, deva ser planejada, executada e avaliada. A explicitação intencional dessas fases ajudará tanto as crianças e jovens quanto os educadores a refletirem sobre a sua participação no processo (ROSÁRIO; POLYDORO, 2014, p.40).

O processo de aprendizagem autorregulada PLEA, permite que haja um constante monitoramento e avaliação do desenvolvimento da atividade que está sendo desenvolvida, possibilitando a autoavaliação e a regulação das estratégias e decisões a serem tomadas.



Figura 1. Modelo PLEA da aprendizagem autorregulada.

Fonte: Rosário, Núñez e González-Pienda (2007, p. 23).

Em cada uma das fases do processo de autorregulação, há um conjunto de estratégias de aprendizagem correspondente, que acompanham o funcionamento cíclico e a natureza do modelo PLEA. Rosário, Núñez e González-Pienda (2007), basearam-se nas investigações de Zimmerman e Martinez-Pons que descreveram quatorze tipos de estratégias de autorregulação da aprendizagem mais utilizadas pelos alunos em contextos típicos de aprendizagem (sala de aula e estudo pessoal), e elaboraram um quadro adaptando essas quatorze estratégias de autorregulação nas fases do processo cíclico de aprendizagem autorregulada PLEA.

A **Figura 2** a seguir demonstra a relação realizada por Rosário, Núñez e González-Pienda (2017) entre as fases do PLEA e as quatorze estratégias descritas por Zimmerman e Martinez-Pons (1986 apud ROSÁRIO; NÚÑEZ; GONZÁLEZPIENDA, 2007, p. 26).

O uso de estratégias não é um processo espontâneo, é necessário que o aluno busque em seu repertório de experiências as ações que mais favoreçam a realização de determinadas atividades diferenciadas. Para realização de uma atividade de matemática, um aluno pode utilizar a estratégia de memorização das fórmulas e significado dos símbolos para facilitar seu trabalho, porém, quando a atividade é de artes a estratégia de memorização não se apresenta como eficaz.

Utilizar estratégias requer do aluno tempo e esforço, para utilizar os meios mais eficazes nas atividades, Silva e Sá (1993) destacam que “em termos gerais, a aplicação adequada das estratégias de aprendizagem implica personalização, flexibilidade e avaliação de custos” (GARNER, 1988 apud SILVA; SÁ, 1993, p.20), possibilitando que o aluno selecione a estratégia que mais se adequa e favorece a realização de atividades específicas e diferenciadas.

FASES DO PROCESSO AUTO-REGULATÓRIO	Fase de planificação	<p>1. Auto-avaliação (...) as avaliações dos alunos sobre a qualidade ou progressos do seu trabalho</p> <p>3. Estabelecimento de objectivos e planeamento (...) planeamento, faseamento no tempo e conclusão de actividades relacionadas com esses objectivos</p> <p>6. Estrutura Ambiental (...) esforços para seleccionar ou alterar o ambiente físico ou psicológico de modo a promover a aprendizagem</p> <p>9-11. Procura de ajuda social (...) as iniciativas e esforços dos alunos para procurarem ajuda dos pares (9), <i>professores</i> (10) e <i>adultos</i> (11)</p>
	Fase de execução	<p>2. Organização e transformação (...) as iniciativas dos alunos para reorganizarem, melhorando-os, os materiais de aprendizagem.</p> <p>4. Procura de informação (...) os esforços dos alunos para adquirir informação extra de fontes não-sociais quando enfrentam uma tarefa escolar.</p> <p>5. Tomada de apontamentos (...) os esforços para registar eventos ou resultados.</p> <p>8. Repetição e memorização (...) as iniciativas e os esforços dos alunos para memorizar o material.</p>
	Fase de Avaliação	<p>7. Auto-consequências (...) a imaginação ou a concretização de recompensas ou punições para os sucessos ou fracassos escolares.</p> <p>12-14. Revisão de dados (...) os esforços/iniciativas dos alunos para relerem notas (12), <i>testes</i> (13), <i>livros de texto</i> (14) afim de se prepararem para uma aula ou para um exercício escrito</p>

Figura 2. Fases do processo autorregulatório e respectivas estratégias de autorregulação da aprendizagem - adaptação de Rosário, Núñez e González-Pienda (2007).

Fonte: Rosário, Núñez e González-Pienda (2007, p. 26).

As quatorze estratégias elaboradas por Zimmerman e sistematizadas por Rosário, não abrangem especificamente as áreas de leitura e escrita. Compreendendo o uso de estratégias como processo contínuo e de adaptação, sentiu-se a necessidade de trazer um autor que desse elementos para trabalhar especificamente com as estratégias de leitura e escrita. Diante de tal necessidade, encontrou-se no artigo “Como ajudar os alunos a estudar e a pensar? Auto-regulação da aprendizagem”, de Fernando Jorge Costa Figueiredo (2008), seis áreas de desenvolvimento de competências para estudar, nas quais o autor descreve estratégias específicas de cada área, que podem ser utilizadas nos processos de autorregulação para melhor eficácia dos alunos.

Pautando-se em Zimmerman, Figueiredo (2008) conceitua a autorregulação como “um processo auto-directivo, através do qual os aprendizes transformam as suas capacidades mentais em competências académicas referentes às tarefas” (p.235). Dentro da mesma perspectiva sociocognitiva, o autor traz Garcia e Pintrich,

que consideram a autorregulação da aprendizagem como processo de monitorização, controle e regulação dos comportamentos e atividades cognitivas por parte dos estudantes.

Desenvolver a competência de autorregular as aprendizagens significa tornar-se ativo e consciente perante os estudos, Zimmerman (2001, apud FIGUEIREDO, 2008, p.235) ressalta que “a aprendizagem é uma actividade que os estudantes fazem por si mesmos, de forma proactiva, mais do que um acontecimento que ocorre como reacção a uma experiência de ensino”, ou seja, são ações intencionais e que tornam-se aprendizagens efetivas de acordo com o nível de envolvimento dos alunos e não como resposta a uma experiência de ensino, mas que passam por elas.

Figueiredo (2008) destaca que para professores e alunos, tornarem-se autorreguladores do ensino e da aprendizagem é um processo a longo prazo, que demanda paciência, dedicação, resiliência, motivação e objetividade. O referido autor lista seis áreas específicas em que se pode utilizar os processos de autorregulação da aprendizagem e expõe estratégias de autorregulação que podem ser desenvolvidas em algumas delas. As seis áreas são: competências motivacionais, competências metodológicas, competências de planificação e gestão do tempo, competências volitivas, competências de regulação do ambiente físico e competências de regulação do ambiente social. Figueiredo (2008) apresenta separadamente cada uma das áreas para facilitar a compreensão, porém não significa que em torno delas haja fronteiras naturais e bem delimitadas, mas que as mesmas interpenetram-se.

As quatorze estratégias descritas por Rosário, Núñez e González-Pienda (2007), juntamente com as estratégias específicas de leitura e escrita e as estratégias de competências motivacionais, competências volitivas e competências de regulação do ambiente social descritas por Figueiredo (2008) e as descritas por Silva e Sá (1993), que nos apresentam três grupos/níveis de utilização de estratégias: a) estratégias específicas à tarefa, b) estratégias relacionadas com metas a atingir em determinados domínios e c) estratégias gerais, deram suporte para analisar as estratégias que foram apresentadas pelos alunos, verificando se elas se enquadram na perspectiva da autorregulação.

DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa educacional foi desenvolvida no ano de 2017 em uma escola da rede municipal de Campinas-SP, com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental (21 alunos no total) e configurou-se como “pesquisa de campo” (GOMES, 2009), com tratamento qualitativo do material empírico por meio da “análise de conteúdo”.

Utilizou-se como instrumentos de produção do material empírico o diário de campo, entrevistas semi-estruturadas com os alunos e gravações das entrevistas.

A autorização prévia dos pais foi um requisito para a participação. A entrevista configurou-se como não-estruturada na modalidade de entrevista focalizada, pois compreende-se que se houvesse a necessidade de exemplificar ou reformular as questões para que os estudantes as compreendessem melhor, esse tipo de entrevista possibilitaria a ação. Foi utilizado um roteiro com perguntas elaboradas previamente, o roteiro foi definido após as observações. Durante as aulas a professora aplicou um simulado para a Prova Brasil e este serviu como instrumento para a formulação das questões.

Participaram da entrevista oito alunos no total, a pesquisa de campo teve duração de quinze dias.

Descrição e análise

A primeira etapa após as entrevistas foi a descrição dos materiais empíricos. Foram realizadas 8 transcrições de cada um dos alunos que participaram da entrevista, para esse processo foi necessário a utilização de recursos tecnológicos do celular, que permitiu que a pesquisadora ditasse os áudios e o aparelho transcrevesse a fala. Após a transcrição, foi necessária uma revisão e comparação entre os áudios e os documentos escritos, para que houvesse a maior originalidade possível com os áudios das entrevistas.

Após a realização das transcrições iniciou-se o processo de análise e sistematização dos materiais empíricos. Elaborou-se quadros que contém as estratégias e as competências autorreguladoras apresentadas pelos teóricos, sendo eles: Figueiredo (2008), Rosário, Núñez e González-Pienda (2007) e Zimmerman (apud ROSÁRIO; POLYDORO, 2014).

Durante o processo de análise, fez-se necessário a formulação de dois quadros, um para a sistematização de estratégias apresentadas pelos alunos que não contribuem para a aprendizagem e o outro para a sistematização das respostas sobre a compreensão dos alunos sobre o que são estratégias. A própria análise das transcrições (descrições) permitiu a verificação de estratégias que não haviam sido descritas pelos autores, mas que aparecem como eficazes na leitura e na escrita.

Ao final da análise e sistematização dos materiais empíricos obteve-se a organização dos seguintes quadros: Quadro 1: *Organização dos materiais empíricos de acordo com o modelo cíclico de aprendizagem autorregulada PLEA*; Quadro 2: *Organização dos materiais empíricos de acordo com as Estratégias de escrita*; Quadro 3: *Organização dos materiais empíricos de acordo com as Estratégias de leitura*; Quadro 4: *Organização dos materiais empíricos de acordo com as Competências autorreguladoras*; Quadro 5: *Organização dos materiais empíricos: compreensão dos alunos sobre o que é estratégia*; Quadro 6: *Organização dos materiais empíricos: sistematização das estratégias que não são eficazes*.

Interpretação dos materiais empíricos

Como já descrito, a entrevista foi configurada como não-estruturada na modalidade de entrevista focalizada, pois essa nos permitiu além de perguntas previamente estruturadas a possibilidade de exemplificar ou instigar o aluno a falar mais quando fosse necessário. Os materiais empíricos produzidos por meio das entrevistas foram analisados e categorizados dentro de quadros que foram estruturados de acordo com o referencial teórico desta pesquisa. Após a categorização foi possível visualizar com mais precisão as estratégias de leitura e escrita presentes nas falas dos alunos, sendo este o fenômeno investigado pela pesquisa. A seguir faremos uma breve interpretação dos quadros enfatizando os que contém especificamente as estratégias de leitura e escrita.

O Quadro 1: *Organização dos materiais empíricos de acordo com o modelo cíclico de aprendizagem autorregulada PLEA* foi organizado para a verificação de estratégias presentes em cada uma das fases do PLEA (Planejar, Executar E Avaliar).

É válido ressaltar que a proposta do PLEA é a utilização das estratégias em maior ou menor proficiência e em alguns casos acompanha uma formação continuada de professores e uma formação específica sobre autorregulação com os alunos e que para que houvesse incidências significativas sobre o uso do PLEA seria necessária essa formação inicial antes da pesquisa. Outro ponto importante, é que os alunos fazem o uso de estratégias mesmo sem serem ensinados, com mais ou menos precisão e adaptação, mas para que se tornem autorreguladores, é necessário o ensino pelo professor.

Diante do esclarecimento conseguiu-se apresentar esse eixo de análise e interpretação, pois apesar de não ter acontecido essa formação houve algumas incidências. As estratégias presentes no PLEA não são específicas de leitura e escrita, porém apresentam mobilizações importantes para que o aluno autorregule suas aprendizagens e tenha uma qualidade maior nos estudos. Os maiores números de incidências encontram-se na fase do planejamento, sendo as estratégias de “autoavaliação: as avaliações dos alunos sobre a qualidade ou progressos do seu trabalho” (8 incidências de 7 alunos); “procura de ajuda social: Iniciativas e esforços das crianças para procurarem ajuda” (8 incidências de 6 alunos); e “estrutura ambiental: Esforços para selecionar ou alterar o ambiente físico/ psicológico de modo a facilitar a aprendizagem” (5 incidências de 5 alunos).

Com relação a estratégia de autoavaliação, geralmente a percepção sobre a qualidade dos trabalhos produzidos vem do *feedback* da professora. De acordo com o que a professora disse os alunos se autoavaliam de maneira positiva ou negativa. O tamanho das produções textuais também é considerado um indicador de qualidade para os alunos.

A estratégia de procura de ajuda social mostra-se muito eficaz quando voltada à ajuda da professora. Os alunos apontam que pedir ajuda, explicações ou ver o modelo da professora ajuda muito na compreensão, porém quando questionados sobre a ajuda, explicações ou modelo de outros alunos a maioria dos entrevistados apontam que essa ajuda não é eficaz, pois associam ver o exemplo do amigo com copiar as ideias dele e preferem não pedir ajuda ou olhar o modelo do colega de classe.

Já a estratégia de estrutura ambiental está ligada diretamente com a quantidade de barulho presente na hora de estudar, os alunos apontam que quanto mais ruídos tiver no lugar, maior é a chance de se distraírem e não compreenderem a lição.

O Quadro 2: *Organização dos materiais empíricos de acordo com as Estratégias de escrita* detalha especificamente as estratégias de escrita. O maior número de incidências aparece na estratégia de “não cometer erros gramaticais ou ortográficos”, durante todo processo de entrevista era notável a preocupação dos alunos quanto a pontuação e acentuação das palavras. Todos os entrevistados declararam em algum momento que sempre se voltavam à produção escrita para fazer uma revisão da gramática e ortografia. A segunda estratégia com mais incidências foi “ajustar, reescrever e refazer tudo o que considerar necessário”, sempre que se deparam com uma produção escrita na qual não se sentem plenamente satisfeitos, os alunos declararam que apagam e começam novamente.

É possível inferir que o maior número de incidências em uma determinada estratégia se dá pelo fato de ser uma cobrança e/ou algo ensinado pela professora da classe. Essa verificação automática dos erros é nomeada por Silva e Sá (1993, p.20) de “estratégias específicas”. Ensinar estratégias aos alunos é algo muito importante

na prática docente, pois como Rosário e Polydoro (2014) apontam, a autorregulação não deve ser compreendida como uma aptidão mental, ou seja, é algo que pode e deve ser aprendido, para que os alunos se desenvolvam intencionalmente transformando habilidades em competências acadêmicas. O sujeito aprende a autorregular as aprendizagens.

Com relação às demais estratégias que aparecem com pouquíssimas incidências, percebe-se que são específicas de cada aluno que as mencionou e estão ligadas a nomeadas “estratégias relacionadas com metas a atingir em determinados domínios” (SILVA e SÁ, 1993, p.20), um exemplo desse tipo incidência é a seguinte fala:

Sim, primeiro eu peguei o caderno e organizei tudo, eu fiz o texto primeiro, depois eu li e coloquei os acentos e depois eu escrevi no simulado (Aluna “M7”).

No Quadro 3: *Organização dos materiais empíricos de acordo com as estratégias de leitura* encontramos a especificidade de estratégias na área da leitura. Assim como na tabela de sistematização de estratégias de escrita, na tabela de leitura encontramos algumas estratégias que se destacam, devido ao grande número de incidências. A quantidade de falas que indicam o uso da estratégia de “ler para responder, para encontrar respostas” e “Voltem atrás e releiam partes do texto não compreendidas”, indicam uma orientação da professora quanto aos hábitos de leitura.

No Quadro 4: *Organização dos materiais empíricos de acordo com as Competências autorreguladoras* houve apenas uma incidência nas competências volitivas e esta refere-se a uma experiência negativa, que inibe a vontade do aluno de fazer produções textuais:

De vez em quando eu tenho uns amigos ainda que me atrapalha, fica falando “olha, olha fiz mais linhas que você... olha o tantão der linhas...” sendo que eu nem tinha começado o texto ainda (“J1”).

O aluno compreende que nem sempre olhar o modelo dos amigos ajuda, então prefere não pedir ajuda/olhar o modelo, para que não haja comparações, ou seja além de gerar um sentimento negativo com relação as suas capacidades, essa situação inibe o aluno de produzir e pedir a ajuda dos colegas de classe.

Um dos objetivos desta pesquisa educacional consistiu em buscar compreender o que os alunos entendem por estratégia de aprendizagem, mas para isso primeiramente fez-se necessário buscar compreender o que os alunos entendem por estratégia. **O Quadro 5: Organização dos materiais empíricos: compreensão dos alunos sobre o que é estratégia** sistematiza a respostas dos alunos quanto a compreensão do que é estratégia de um modo geral.

Quadro 5. Organização dos materiais empíricos: compreensão dos alunos sobre o que é estratégia.

Aluno Participante	Resposta
J1	Mais ou menos... Estratégia? É tipo uma... É tipo se fosse... Tipo no jogo, você tem que pensar em uma coisa e falar, tipo, o time tem que fazer uma coisa que você pensou e na hora que você pensou, você usou ajuda de todo time e ver como é que ele tá. Usa os que tem mais habilidade em uma coisa e o que tem em outra e vai colocar eles na posição certa, para na hora de fazer as coisas poder vencer.
V2	V2: Não sei o que é estratégia. Pesquisadora: Nunca ouviu falar? V2: Já, mas eu não sei o que é.
K3	Pego um papel, [...] e faço tudo que vou fazer, aí depois eu faço. É planejar.
V4	Sim, é tipo um negócio que você usa para se dar melhor. Eu uso para ter vantagem.
L5	Ah... sei... eu entendo que a estratégia, quando você está planejando alguma coisa, tipo essas coisas, tipo assim... o jogo de futebol, fazer uma estratégia para poder ganhar do outro time, aí ele faz uma estratégia boa assim... essas coisas.
T6	Sei, é o que você pensa em uma coisa e faz na sua cabeça, tipo você pensa um pensamento, aí constrói um monte de pensamentos juntos e vai virar uma estratégia.
M7	Para dar ideia para fazer um texto.
M8	É tipo assim, você ta num jogo de futebol, aí vamos atacar pelo lado direito... é tipo uma estratégia.

Elaboração: autoras.

De um modo geral, os alunos associam estratégias com jogos que fazem parte do cotidiano, diante da fala dos alunos podemos inferir que a estratégia é um conceito que para eles está ligado ao favorecimento, a facilidade ou ajuda em determinadas situações. A partir desse início de conversa com a clarificação do que são estratégias, os alunos conseguiram explicar quais eram suas estratégias para ler e escrever.

O último quadro presente na descrição e análise dos materiais empíricos foi o Quadro 6: *Organização dos materiais empíricos: sistematização das estratégias que não são eficazes*, seguem alguns exemplos:

Eu chutei essa daí, mas só que eu pensei uma coisa também, na hora ele que tinha dobrando ou dobrado eu pensei assim: escalavrado e dobrado, daí eu juntei as duas e vi o que dava e coloquei (“J1”).

Ah tem vez, porque tem vezes que eu vou fazer um texto sem sentido, por causa que eu não presto atenção direito. Eu vou copiando, aí quando acaba eu vou lá e fecho o caderno e nem vejo, aí depois, só depois quando pego o caderno que eu vou ler para dar para professora, que eu entendo e não tem jeito... (“M7”)

Silva e Sá (1993) ressaltam que é necessário a tomada de consciência e avaliação dos procedimentos e meios de aprendizagem adotados e que nem sempre são eficazes ou utilizados de maneira correta. Apesar de encontrarem um meio mais fácil de resolver os problemas como “chutar” uma resposta, a estratégia não favorece a aprendizagem e não garante que os alunos terão um bom resultado na avaliação.

Diante da interpretação dos materiais empíricos conseguimos estabelecer 3 eixos de análise: (1) Estratégias gerais de controle e organização durante o processo de aprendizagem, que englobam os Quadros 1 e 4, de acordo com os níveis de utilização de estratégias descritos por Silva e Sá (1993) esse eixo encaixase nas “estratégias gerais”; (2) Estratégias específicas de leitura e escrita, que englobam os Quadros 2, 3 e 5, esse eixo está no nível de estratégias denominadas por Silva e Sá (1993) de “estratégias relacionadas com metas a atingir em determinados domínios”; e (3) Estratégias que não são eficazes na aprendizagem, que se refere ao Quadro 6.

RESULTADOS OBTIDOS

A partir dos eixos de análise formulados foi possível especificar os materiais empíricos que se voltam especificamente aos objetivos da pesquisa. O eixo “(2) Estratégias específicas de leitura e escrita” traz em seus quadros de análise apenas a compreensão dos alunos sobre o que é estratégia e estratégias de leitura e escrita que eles utilizam. Silva e Sá (1993) são autoras referências deste trabalho quanto ao uso de estratégias e ao uso correto desse instrumento de autorregulação da aprendizagem. Aprender e desenvolver estratégias de estudos são processos que beneficiam a aprendizagem dos alunos, Silva e Sá (1993, p.71) destacam que

Desenvolver hábitos e estratégias de estudo tem por objectivo final possibilitar ao estudante o acesso a condições e instrumentos mentais, que lhe permitam tornar a sua aprendizagem escolar mais efectiva e autónoma. Ou seja, pretende-se através desse tipo de intervenção, desenvolver competências cognitivas que dêem ao estudante um maior poder de controlo na realização das suas tarefas escolares. Ao mesmo tempo, procura-se proporcionar o desenvolvimento de sentimentos mais positivos face ao estudo, aumentando os sentimentos de eficácia pessoal e de motivação para a aprendizagem.

A presente pesquisa vem ao encontro das ideias supracitadas, pois acreditamos ser necessário repensar as práticas pedagógicas no sentido de proporcionar aprendizagens significativas e efetivas, as quais gerem nos alunos um sentimento de pertencimento e apropriação sobre o conhecimento. Não basta decorar, não basta passar de série em série ou estudar para tirar nota na prova, a aprendizagem só é efetiva quando os alunos encontram sentido no que estão estudando e mesmo que não gostem de um determinado conteúdo, os alunos que são autorreguladores de suas aprendizagens são capazes de compreender a importância da aprendizagem e regular-se em suas emoções e o cognitivo para efetivamente aprender.

A partir da análise dos materiais empíricos sobre a compreensão do que são estratégias (Quadro 6), foi possível verificar que os alunos associam estratégias ao planejamento, a algo que proporciona facilidade na realização de alguma atividade, a antecipação de fatos e ao pensamento. Essas concepções apresentadas nas falas dos alunos não fogem da definição de Silva e Sá (1993) que enfatizam que

[...] as estratégias de aprendizagem são processos controláveis que facilitam realizações específicas. Estes processos incluem, por exemplo, comportamentos ou pensamentos que ajudam a decifrar uma mensagem de tal forma que a sua natureza e recuperação sejam melhoradas [...] (p.19).

Assim como Silva e Sá (1993), Rosário e Polydoro (2014) ressaltam que “[...] sim, é possível e desejável ensinar estratégias de aprendizagem que capacitem os alunos a saber como aprender” (p.24), os alunos precisam ter instrumentos que lhes permitam interagir com o conhecimento e ir além daquilo que lhes são oferecido e mesmo que não tenham a intenção de ir além, é necessária a tomada de consciência de que aquilo que eles aprendem pertencem a eles, da mesma forma que quando de fato não aprendem, são os únicos prejudicados.

Nos Quadros 8 e 9 que são especificamente sobre estratégias de leitura e escrita, houve poucas incidências que demonstram o uso efetivo e adaptativo de estratégias de aprendizagem. Cada um dos quadros apresentou em média duas estratégias que se destacaram das demais, com isso pode-se inferir que são estratégias que foram ensinadas pela professora, o que demonstra a importância de ensinar os alunos a utilizarem corretamente as estratégias de estudo.

Rosário e Polydoro (2014) ressaltam que a utilização de estratégias de aprendizagem não garante por si só o sucesso dos resultados acadêmicos. Para que haja a autorregulação das aprendizagens é necessário um conjunto de iniciativas pessoais, exercício de ajustes de estratégias, motivações intrínsecas e perseverança.

A maneira como os alunos ressaltam as estratégias em comum demonstram a eficácia em suas aprendizagens. A presente pesquisa demonstra a necessidade de ensinar os alunos a utilizarem adequadamente as estratégias de estudo, para garantir uma aprendizagem efetiva e significativa, bem como uma apropriação dos conhecimentos. Precisamos nos voltar às necessidades dos alunos e promover uma relação de qualidade entre estudantes e o conhecimento, de forma que os sujeitos se sintam pertencentes e construtores do conhecimento.

O eixo “(3) Estratégias que não são eficazes na aprendizagem” revela a necessidade de reflexão sobre as estratégias adotadas, pois nem sempre contribuem para a melhoria na realização das atividades. Esta constatação enfatiza a necessidade de aprender a autorregular as aprendizagens monitorando, regulando e avaliando se os usos das estratégias adotadas estão sendo eficazes. Para que o aluno alcance os objetivos de estudo e aprenda a ser um autorregulador de suas aprendizagens é fundamental a atuação do professor, o qual o ensinará esse processo e auxiliará em suas construções.

No eixo (1) Estratégias gerais de controle e organização durante o processo de aprendizagem, estão concentradas as estratégias dos modelos cíclicos de aprendizagem autorregulada PLEA e as competências categorizadas por Figueiredo (2008). O desenvolvimento destas habilidades estão vinculadas a projetos específicos que trabalham com o ensino direto da autorregulação da aprendizagem, entretanto a verificação de incidências envolvendo estas estratégias e competências demonstram que mesmo sem o ensino direto, estas estão presentes no cotidiano e contribuem para a melhoria da qualidade nos estudos, o que nos leva a refletir o quanto o ensino direto contribui efetivamente para o processo de ensino e aprendizagem.

Com relação as competências descritas por Figueiredo (2008), faz-se necessário destacar a fala de um aluno após a realização da entrevista:

Você não vai mostrar isso para ninguém não, né? (Aluno “J1”)

O aluno apresentou durante a entrevista e por meio dessa fala uma baixa eficácia sobre si, tendo uma percepção negativa sobre seu potencial de aprendizagem. É de extrema importância que os professores se atentem às condições de aprendizagem relacionadas ao nível de motivação e as crenças de seus alunos, pois estas afetam diretamente nos resultados acadêmicos de seus alunos. O aluno foi tranquilizado quanto ao sigilo dos participantes da entrevista.

Autorregular as aprendizagens não é tarefa fácil, para que os alunos sejam autorreguladores, primeiro os professores precisam se apropriar da teoria e tornarem-se professores autorreguladores. Rosário, Núñez e González-Pienda (2007, p.13) destacam a importância do domínio do professor sobre o conceito de autorregulação da aprendizagem, pois “o trabalho educativo envolve no dia a dia um processo de desenvolvimento pessoal onde os dois pilares da autorregulação – escolha e controle – assumem um papel decisivo”. É um longo e trabalhoso processo, entretanto é um dos possíveis caminhos para promoção de uma educação de qualidade e uma oportunidade para aqueles que têm a educação como única opção para melhoria na qualidade de vida.

A sistematização dos materiais empíricos nos quadros de análise permitiu uma visão melhor das estratégias de leitura e escrita especificamente, as quais estão ligadas diretamente aos objetivos da pesquisa. Foi possível verificar a presença de diversas estratégias presentes no PLEA e nas Fases Cíclicas de Zimmerman, bem como as competências autorreguladoras de Figueiredo (2008). A pesquisa também possibilitou verificar algumas estratégias que não contribuem para a aprendizagem dos alunos, mas que são utilizadas com frequência como por exemplo, o “chute”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditam-se ser fundamental investir em práticas que contribuam para a melhoria na qualidade das aprendizagens, é necessário preparar os alunos para que eles se relacionem de forma significativa com o conhecimento hoje, para que eles saibam aprender e a buscar o conhecimento e não apenas decorar para responder avaliações externas. O Brasil vive um quadro de desigualdade social, a educação é um dos setores sociais que luta diretamente para a mudança dessa realidade, entretanto para que de fato haja mudanças efetivas na sociedade por meio da educação, os alunos precisam ser conscientizados sobre o que está e o que pode vir a ser. Precisa-se buscar meios de garantir que os alunos se relacionem da melhor maneira possível com o conhecimento e produzam conhecimento, que se apropriem daquilo que lhes é seu por direito.

Os professores são agentes de transformação em sala de aula, são eles que fazem a mediação entre os alunos e o conhecimento e muitas vezes são eles que apresentam conteúdos jamais vistos pelos alunos, mas para que de fato esse não seja apenas mais um conteúdo transmitido é necessário uma práxis constante da parte do professor, para que este desenvolva ações que transforme as relações entre os alunos e o conteúdo, levando a construção de conhecimentos.

A teoria da autorregulação da aprendizagem e o uso de estratégias de aprendizagem, são propostas que buscam promover autonomia, aprendizagens efetivas e significativas e um novo relacionamento com o conhecimento, o que leva o aluno a refletir sobre aquilo que está posto e a tornar-se também um sujeito crítico, capaz de pensar além e tomar decisões pertinentes. Apesar de pouco difundida no Brasil, por meio de pesquisas realizadas na área da educação a proposta tem-se mostrado muito eficaz, demonstrando resultados positivos sobre o uso de estratégias de aprendizagem e a autorregulação.

A presente pesquisa demonstra a necessidade de se investir nessa área, uma vez que as estratégias apontadas pelos alunos confirmam sua eficácia nos estudos e ao mesmo tempo a escassez destas revelam a necessidade do ensino sobre o uso de estratégias e o processo de autorregulação da aprendizagem. Espera-se que a pesquisa possa contribuir para a reflexão de outras alunas da graduação e professoras em atuação, para que busquem e desenvolvam práticas que proporcionem significado nas aprendizagens e compromisso com a educação, em busca de um país com mais equidade através do campo educacional.

REFERÊNCIAS

- AZZI, R. G. **Introdução à teoria social cognitiva**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- BANDURA, A. A evolução da teoria social cognitiva. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (orgs.). **Teoria Social Cognitiva: Conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15-41.
- FIGUEIREDO, F. J. C. Como ajudar os alunos a estudar e a pensar? Auto-regulação da aprendizagem. Revista **Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health**, Viseu, n.34, p.233-258, 2008. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8370/5959>>. Acesso em: 11 mar. 2017.
- GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In. MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 79-108.
- POLYDORO, S. A. J.; AZZI, R. G. Auto-regulação: aspectos introdutórios. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (orgs.). **Teoria Social Cognitiva: Conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 149-164.
- ROSÁRIO, P. **Estudar o estudar**: As (Des) venturas do Testas. Porto. Porto Editora, 2004.
- ROSÁRIO, P.; NÚÑEZ, J. C.; GONZÁLEZ-PIENDA, J. **Auto-regulação em crianças sub-10**. Projecto Sarilhos do Amarelo. Porto: Porto Editora, 2007.
- ROSÁRIO, P.; POLYDORO, S. A. J. **Capitanear o aprender**: Promoção da autorregulação da aprendizagem no contexto educativo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- SILVA, A. L.; SÁ, I. **Saber Estudar e Estudar para Saber**. Porto: Porto Editora, 1993.